



O REI DO CAFÉ

Geremia Lunardelli foi personalidade de muito conhecimento dos paulistas e, sobretudo, dos associados da Sociedade Rural Brasileira. Sobre Geremia Lunardelli o escritor L. V. Giovannetti escreveu em 1951 o livro **O REI DO CAFÉ**, obra editada pela Editora Gráfica da «Revista dos Tribunais».

No prefácio dessa obra L. V. Giovannetti assinala:

“Um homem que, começando como modesto colono, soube e pôde, no decurso de poucos decênios, ocupar o primeiro lugar na produção cafeeira do mundo e na agricultura brasileira, que criou uma organização econômica e financeira grandiosa, que se tornou, como o exemplo prático, um verdadeiro mestre — este homem representa sem dúvida um prodígio”. O autor fala da imigração, do progresso do Brasil, da capacidade da raça veneta, da meninice e mocidade de Lunardelli em Mansuê, Corumbatai e Sertãozinho, dos seus primeiros e modestos empreendimentos comerciais, de como Lunardelli se tornou grande fazendeiro, da luta com a grande crise, e de várias outras facetas da vida de Geremia.

Dessa obra biográfica destacamos a seguinte passagem que nos elucidada sobre as origens cafeeiras de Geremia:

“Entre as numerosas famílias da província de Treviso, bem como de outras do Veneto, onde a emigração transoceânica alimentava as esperanças e determinava verdadeiro êxodo, não poucas foram as da zona de Mansuê. E a família Lunardelli foi uma delas. Geremia Lunardelli contava um ano de idade quando embarcou em Gênova e foi conduzido para Santos. Como se dava o engajamento e como se determinasse o destino das famílias para as diferentes fazendas, é sabido. Os imigrantes eram encaminhados à Hospedaria dos Imigrantes, de onde tomavam seu destino de acordo com o pedido dos proprietários.

A família Lunardelli foi destinada a Corumbatai, no município de Rio Claro, passando a trabalhar na fazenda Boa Vista. O ambiente novo, o clima diferente, o isolamento,



Sr. Geremia Lunardelli.

surpreendiam e, de alguma maneira, atordoados o campones italiano. O trabalho obedecia a um horário e a sistemas novos para ele. E o colono se sentia como parte de uma máquina, coisa que o impressionava, devido ao contraste com o método livre e individual das ocupações em sua terra. Em compensação, porém, havia a certeza do trabalho permanente, o bom clima, sem os rigores excessivos do inverno, e a possibilidade de viver ao lado de outras famílias da mesma origem. Era quase que a continuação da existência na aldeia natal. Estávamos no ano de 1886 e ainda existia a escravidão.

Dois anos mais tarde o chefe da família Lunardelli faleceu e a vida,

em seguida, contraia novas núpcias. A permanência dos Lunardelli em Corumbatai foi breve. Quiseram tentar nova vida, procurando tornar-se independentes. E passaram a residir em Jundiá, onde se dedicaram ao cultivo de cebolas. Mas esta tentativa não surtiu o efeito desejado. E a família foi para São Bernardo, tratando ali da produção de carvão vegetal. Também desta vez os resultados não foram animadores. Pouco tempo mais tarde os Lunardelli aceitaram um contrato de trabalho na fazenda Dumont, em Sertãozinho, que era então das melhores da zona e mais bem organizada. Proprietários da fazenda que eram os srs. Rodolfo Miranda e Cornélio Procópio, que em seguida a venderam a uma companhia inglesa.

Geremia Lunardelli cresceu pois no ambiente do café. Lavrou a terra, tornou-se senhor de todos os pormenores dessa atividade agrícola. Sua formação inicia-se ali. Observando e refletindo — como sempre fez também em seguida — o garoto Lunardelli, desde aquela época, já demonstrava vontade de progresso e uma capacidade invulgar. Anos depois a família Lunardelli transferiu-se para o Estado do Rio Grande do Sul, em Alfredo Chaves, zona colonizada por italianos, onde hoje se produz a maior quantidade de vinho do Brasil. Geremia tinha então 18 anos de idade e já era um apaixonado pelo cultivo do café. Antevia o infalível desenvolvimento da lavoura cafeeira e sonhava tornar-se proprietário. O Rio Grande do Sul não o entusiasmou, pois perceberia não ser possível cultivar café naquela zona. Criado numa fazenda, acostumado durante dez anos à lavoura do café, Lunardelli só queria dedicar-se a esse ramo da agricultura. E insistiu junto aos seus parentes para regressarem a São Paulo. Disponha já de autoridade moral na família. Sua força de caráter e a capacidade como lavrador foram elementos suficientes para impor seu critério. E oito dias após a chegada, os Lunardelli regressavam, voltando à fazenda Dumont em Sertãozinho, na zona de Ribeirão Preto, que naquele tempo estava em pleno desenvolvimento.”

ARMAZENS GERAIS COLÚMBIA S. A.

Armazéns dotados de proteção contra incêndio — Sistema “SPRINKLER”

Máquinas para: Pilha — Ensaque — Benefício e Transparaná

MATRIZ: Rua Líbero Badaró, 481 — 17º andar — Fone: 33-2105
São Paulo

FILIAL
Rio de Janeiro

FILIAIS
Paraná — Maringá
Londrina — Paranaguá